

RESISTÊNCIAS, CONTRADIÇÃO E ESCUTA ANALÍTICA NO ABANDONO  
DO PROCESSO TERAPÊUTICO

*RESISTANCE, CONTRADICTION AND PSYCHOANALYTIC LISTENING IN  
THE THERAPEUTIC PROCESS ABANDONMENT*

Selma Regina Pato VILA GRANADO  
(Deep School / Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – PUC-SP)  
selma\_granado@yahoo.com.br

Viviane Letícia Silva CARRIJO  
(GP Linguagem em Atividade no Contexto Escolar – PUC-SP)  
vivinice@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo discute conceitos de escuta analítica, contradição e resistência para compreender possíveis causas que levam um sujeito a abandonar um processo psicanalítico. A discussão está pautada na psicanálise de Freud ([1914] 1996, [1920] 1976, [1937] 1980) e na compreensão dialética da categoria “contradição” proposta por Marx ([1867] 1983). Utilizamos, como exemplo de abandono da terapia, um caso relatado por Silva (2016) que reflete sobre o porquê do fim de uma análise e sobre a importância da escuta analítica nesse processo. Resultados apontam que resistências e contradição, aliados à possível falha da escuta analítica podem direcionar o analisando à ruptura com a análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Resistência; Contradição; Escuta analítica.

**ABSTRACT:** *This article discusses concepts of psychoanalytic listening, contradiction, and resistance to understand possible causes that lead a subject to abandon a psychoanalytic process. The discussion is based on Freud's psychoanalysis ([1914] 1996, [1920] 1976, [1937] 1980) and on the dialectical understanding of the category contradiction proposed by Marx ([1867] 1983). We use, as example of therapy abandonment, one case by Silva (2016), who reflected on the end of psychanalysis and on the importance of the psychoanalytic listening in this process. Results show that resistance and contradiction, combined with the possible failure of psychoanalytic listening, it can direct the subject in the analytical process to break with the analysis.*

**KEYWORDS:** *Resistance; Contradiction; Psychoanalytic listening.*

## 0. Introdução

*Da calma e do silêncio  
Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas [...]*  
Conceição Evaristo (2008).

Iniciamos este artigo com esse poema que revela a ânsia de um sujeito pelo uso da *palavra* proibida em situações de opressão. No caso da poeta Conceição Evaristo, palavras suprimidas pelo racismo estruturante da sociedade. No caso deste artigo, especificamente, do sujeito na psicanálise, são sentimentos recalçados nas profundezas do inconsciente; palavras que não saem e impedem o entendimento do “âmago das coisas”, distanciando o sujeito de si mesmo.

Para a psicanálise, o inconsciente sempre foi elemento estrutural, tanto nos estudos teóricos quanto clínicos. Como ferramental, a psicanálise proporciona ao “sujeito analisado” poder acessar e compreender parte dos seus enigmas incompreendidos, revelados em sonhos, atos falhos e sintomas. Para adentrar esse universo, como clínica, a psicanálise se dá, fundamentalmente, por meio da fala do sujeito e da escuta analítica do psicanalista.

De acordo com Gil (2005), essa escuta visa tornar consciente o que está aquém da palavra, num contínuo de sentido; ainda que não ressoe como som, revela-se como um apelo à linguagem. Nessa direção, gestos, movimentos corporais e mesmo o silêncio compõem a narrativa do analisando, permitindo que o inconsciente se apresente por meios em que a palavra nem sempre é pronunciada.

Apesar do anseio do sujeito em descobrir seus mistérios, resistências são enfrentadas no processo psicanalítico. Essas resistências aparecem por contradições desconhecidas pelos sujeitos e que, nesse processo, podem ser desvendadas por meio da escuta analítica. Primeiro, do psicanalista em direção ao paciente e, segundo, do paciente focado em si mesmo.

Neste artigo, objetivamos compreender possíveis causas que levam um sujeito a abandonar um processo psicanalítico. Para isso, usaremos um caso de análise já publicado por Silva (2016), que discute a

importância da formação do analista e o desenvolvimento da escuta analítica. Silva relata o caso de um paciente que decidiu, para sua surpresa, parar com a análise.

Por meio de uma abordagem teórica, o artigo está organizado para definir e discutir o processo psicanalítico e a escuta analítica; a contradição na constituição humana e a resistência na psicanálise. Finalizamos o artigo com a interpretação do caso escolhido, à luz da discussão teórica.

## **1. Processo psicanalítico e escuta analítica**

O conceito “processo psicanalítico” aparece, pela primeira vez, em Freud ([1913] 1996), definido como “processo de solução das repressões existentes” (Freud, [1913] 1996:172). Segundo o autor, o analista põe em movimento esse processo, supervisionando-o, afastando “obstáculos em seu caminho, e pode indubitavelmente invalidar grande parte dele” (Freud, [1913] 1996:172). Apesar da responsabilidade do analista, o processo psicanalítico, quando começado, traça rota própria impossibilitando uma prescrição fechada. Vaughan e Roose (1995) explicam que Freud compreendia o processo psicanalítico de três modos: um processo de mudança no paciente; um processo que tem curso imprevisível tanto para o analista quanto para o analisando; e um processo que conta, principalmente, com elementos como associação livre, resistência, interpretação e elaboração.

Nesse processo, a associação livre tem destaque fundamental, pois traz a possibilidade da análise dos fenômenos psíquicos. Para isso, a associação livre requer do analista uma escuta não redutora do oferecido pelos espaços simbólicos, viabilizados por ela. Sob responsabilidade do paciente, fica a comunicação de tudo que lhe venha à mente no momento da análise, mesmo aquilo que lhe pareça doloroso, vergonhoso ou insignificante. Enquanto o paciente fala, o analista apenas escuta sem a prerrogativa de participar do discurso do outro. Com esse instrumental, é instaurado o processo psicanalítico por meio do desvendamento do inconsciente pela fala. Contudo, nem sempre esse foi o caminho percorrido pela psicanálise.

Segundo Macedo e Falcão (2005), nos estudos iniciais, Freud empregava a hipnose, uma técnica que levava o paciente, em estado hipnótico, à descrição e conexão com o trauma. Nessa situação, cabia ao médico comunicar ao analisando, ao fim do transe, o que fora dito e descrito. Todavia, Freud percebia que essa poderia não ser a melhor forma de seguir com a psicanálise, pois, apesar dos sintomas aparentemente desaparecerem em um primeiro momento, com o tempo, reapareciam de outras maneiras.

Na busca por um método de escuta, Freud se deparou com a associação livre devido a uma experiência, descrita, a seguir, por Macedo e Falcão (2005:67):

Emmy Von N. lhe pediu, certa vez, que não a tocasse, não a olhasse e nada falasse; queria apenas ser escutada. A palavra se impõe, apontando uma mudança no caminho de Freud: a cura viria por ela, mas não mais a palavra de um sujeito ausente, que delegava ao terapeuta uma função de memória de seus conteúdos traumáticos e que colocava em ação um recurso que priorizava a sugestão. Agora, é por meio das narrativas ativas de um sujeito acordado, de seu discurso cheio de lacunas, da presença e ausência da palavra que o paciente passa a ser escutado. Ao retirar a palavra do que a nosografia diz sobre o paciente, Freud entrega a palavra ao próprio paciente para que ele fale sobre si mesmo. Surge então a psicanálise, marcada pelo convite a que o analisando, em uma posição ativa diante de seu processo de cura, comunique-se e associe livremente.

Assim, no processo psicanalítico, o próprio analisando se escuta enquanto fala e é escutado pelo analista. Por meio da associação livre, o sujeito fala de um outro – seu inconsciente – desconhecido, mas que se pronuncia no momento de fala, quando a resistência é rompida. Nesse rompimento, o inconsciente torna-se presente no contar de sonhos, ambiguidades, esquecimentos, chistes e atos-falhos que possibilitam a interpretação do analista que ali está em escuta.

Nessa técnica de associação livre, o analista, no processo psicanalítico, atua como decifrador que pode traduzir e revelar ao analisando seus desejos, dando-lhes sentidos antes desconhecidos. Para desenvolvimento dessa função, Freud ([1920] 1976) reforça que o analista precisa ter experiência clínica em dois aspectos: no atendimento de pacientes e no seu próprio processo de análise. Nessa direção, quando o analista aprende a escutar a si mesmo, está pronto para praticar uma escuta em direção ao outro.

Assim, para Freud ([1920] 1976), a escuta psicanalítica funciona como método para alcançar, no processo psicanalítico, o que está inacessível devido ao recalçamento. O autor ([1920] 1976:30) explica que “o paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha recalçado, e o que não é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial”, por isso, em algum momento pela fala, o paciente externa lampejos do que está escondido. A escuta analítica atenta do psicanalista é capaz de captar esses fragmentos, que o paciente não nota enquanto fala. Nesse movimento, a ferramenta primordial é a “transferência”, complexo encontro entre paciente e analista.

Entretanto, não é esperado que esse processo de escuta e interpretação do analista para com o paciente dure para sempre. Freud ([1937] 1980) aponta que uma das funções do processo psicanalítico é

possibilitar ao paciente a descoberta de que é conhecedor de si mesmo. A partir disso, entendemos que o sujeito pode tomar posse de um saber que já fazia parte de seu patrimônio, mas desconhecido por ele até então. Para isso, além de ser escutado, o paciente precisa escutar-se.

Essas são algumas compreensões possíveis quanto ao processo psicanalítico e à escuta analítica. São processos complexos que demandam mais leituras e estudos da obra de Freud. Tentamos trazer um vislumbre desses conceitos para refletirmos sobre a questão que norteia a discussão deste artigo: quais as possíveis causas que levam um sujeito a abandonar um processo psicanalítico? Parece-nos que um dos fatores que influencia essa questão está ligado à resistência, fruto das contradições constituintes do sujeito, discussão apresentada na sequência.

## **2. Contradição na constituição humana**

No materialismo histórico-dialético, Marx ([1867] 1983) defende a contradição como motor de transformação pela luta dos opostos, situada “no seio da própria coisa, e em íntima interação com ela” (Gadotti, 2003:20). Nas palavras de Oliveira (2009:41), sobre o pensamento marxista:

[...] toda forma de movimento contém suas contradições específicas, constituindo a natureza específica dos fenômenos, o que o distingue dos outros fenômenos. É ainda nisto que reside a causa interna ou a base da diversidade infinita das coisas e dos fenômenos que existem no mundo.

Nessa direção, Marx ([1867] 1983) defende que não se pode julgar o indivíduo pela consciência de si mesmo; antes, é preciso explicar essa consciência pelas contradições que emergem na *práxis* humana. Para o filósofo, esse movimento é desempenhado pela contradição, unidade de opostos que o impulsiona e representa o processo de constituição do ser configurado em uma transformação contínua na atividade humana. Assim, neste estudo, definimos contradição como unidade de contrários expressa nas crises, conflitos, lutas entre sentidos e relações de forças presentes no processo de desenvolvimento da atividade humana.

No diálogo com o social, os sentidos produzidos pelos sujeitos nem sempre permanecem os mesmos, pois os saberes individuais encontram-se com os coletivos, desencadeando crises no encontro das diferenças. Nessa dialética, relações humanas resultam de um processo ativo, no qual os sujeitos podem gerar, coletivamente, transformações e, eventualmente, possíveis superações de contradições. Entretanto, nem sempre as relações sociais envolvem superação de contradições e

podemos citar dois motivos para isso, embora possa haver vários: alienação e hierarquia nas relações de poder.

Na concepção marxista, explicada por Bottomore (2011:19), "alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do homem em relação a si mesmo" que desconsidera tanto as próprias possibilidades humanas, quanto as outras pessoas no processo de interação social. É nessa alienação não percebida que há, por exemplo, a naturalização das contradições históricas desencadeadoras de desigualdades sociais, pois um sujeito alienado não consegue enxergar necessidades e possibilidades de mudanças da realidade. Segundo Marx ([1844] 2004), na alienação, os sujeitos apenas reproduzem as estruturas vigentes em uma sociedade determinada pelo capital. Compreendemos que essas estruturas vigentes fortalecem as relações de poder, nas quais uma minoria controla a existência de hierarquias e regula a participação social de uma maioria que dela depende economicamente.

Na perspectiva social, consideramos a resistência como aspecto fundamental para rompimento com a alienação e relações de poder. De acordo com Foucault (1988), resistência também constitui as relações de poder, mas não apenas do lado do dominador (que resiste à ascensão do dominado). Dessa forma, há focos de resistência em diferentes tempos e espaços que, às vezes, provocam ações revolucionárias e "introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando" (Foucault, 1988:90).

Nessa mesma linha de pensamento, Medina (2011:10, tradução nossa<sup>1</sup>) argumenta que a resistência "desafia a unificação e a explicação de acordo com princípios abstratos e rígidos de subversão", que marcam nossa vida cognitiva, afetiva e política constituída em diversos conflitos entre relações de poder. Nas palavras de Medina (2011:10, tradução nossa<sup>2</sup>),

[...] Nossas maneiras de pensar, sentir e agir tornam-se fortalecidas e enfraquecidas em aspectos específicos, à medida que são formadas e permanecem inscritas nas diferentes redes de relações de poder e nas diferentes formas de resistência que moldam nossas vidas de várias maneiras.

---

<sup>1</sup> No original: "[...] defies unification and explication according to abstract and rigid principles of subversion" (Medina, 2011:10).

<sup>2</sup> No original: "[...] Our ways of thinking, feeling, and acting become empowered and disempowered in specific respects, as they are formed and remained inscribed within the different networks of power relations and the different forms of resistance that shape our lives in various ways" (Medina, 2011:10).

A essas diferentes formas de resistência que moldam vidas, podemos acrescentar a resistência que acontece no processo psicanalítico. As contradições, manifestadas por resistências em meio a relações sociais, são parte da estruturação psíquica dos sujeitos e, refletidas na resistência psíquica, influenciam a análise. Na sequência, abordamos o conceito de resistência na psicanálise.

### **3. Resistência na psicanálise**

Freud ([1914] 1996) compreende o processo psicanalítico como aquele que se desenvolve por meio de transferência e como aquele que precisa levar em conta a resistência, isto é, interpretação dos motivos que as pessoas têm para não lembrar de alguma experiência ou para não saber de seus impulsos hostis ou para se esquecerem de suas fantasias, mantendo-as recalçadas.

Nessa perspectiva, resistência é um obstáculo à associação livre de ideias, por impedir que o analisando não permaneça aberto para falar tudo que vier à mente no decorrer da análise. Como bem explicam Roudinesco e Plon (1998:659), “resistência” é um conceito central na psicanálise e trata-se do “conjunto das reações de um analisando cujas manifestações, no contexto do tratamento, criam obstáculos ao desenrolar da análise”, opondo-se ao acesso do analisando ao inconsciente.

Um caminho para superação da resistência, segundo Freud ([1914] 1996:202), é:

Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor essa resistência com a qual acabou de se familiarizar, para elaborá-la, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico, segundo a regra fundamental da análise. Só quando a resistência está em seu auge é que pode o analista, trabalhando em comum com o paciente, descobrir os impulsos recalçados que estão alimentando a resistência; e é este tipo de experiência que convence o paciente da existência e do poder de tais impulsos. O médico nada mais tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, que não pode ser evitado nem continuamente apressado.

Quando em contato com a resistência, Freud pontua a necessidade de elaboração do conteúdo. A análise, portanto, não é da resistência, mas do conteúdo identificado. E essa elaboração é a parte do analisando, enquanto ao psicanalista cabe a interpretação do revelado pelo paciente. Com isso, podemos conceber a resistência tanto como obstáculo quanto como possibilidade para continuidade da análise. Neste artigo, o caso de

abandono da terapia descrito, a seguir, indica a resistência predominantemente como obstáculo ao processo psicanalítico.

#### **4. Contradição e resistência no abandono da terapia**

Assim como muitos psicanalistas, Silva se surpreendeu com o fim de um processo psicanalítico decidido por um paciente sem discussão prévia. Essa experiência provocou várias reflexões e, por isso, ela decidiu escrever um artigo, narrando o caso com o objetivo de entender “a importância do desenvolvimento da escuta analítica na formação de um analista, que possibilita a construção do pensamento clínico” (Silva, 2016:145). A partir desse objetivo e no decorrer do artigo, Silva salienta que se sentiu culpada pela decisão do paciente e, por isso, resolveu aprofundar a problemática da importância do desenvolvimento da escuta analítica pelos analistas.

Como fruto desse processo, a autora intitula a introdução do artigo com “O tropeço”:

É do conhecimento de todos aqueles que praticam a psicanálise que na situação analítica o inconsciente expressa-se por meio de atuações, regressões, provocações, discordâncias, agressões verbais, competições, entre tantas outras manifestações que gestam significação. Essas situações são postas em cena na relação com o analista, e este deve estar bastante experimentado para lidar com isso. É no alcance dessa experiência que o candidato a psicanalista caminha, algumas vezes, entre tropeços e impasses causados por razões de diversas ordens (Silva, 2016:145).

Na sequência, a autora pontua que nem sempre há transferência no processo psicanalítico, “devido à incapacidade do analista de desprender-se da lógica discursiva, o que o impede de escutar o que está sendo (re)vivido na análise com sua pessoa, situações que estão aquém das recordações e verbalizações – a vivência traumática” (Silva, 2016:146).

A autora traz sequências da análise de um analisando para “ilustrar” como uma escuta analítica mal formada gera problemas em um processo analítico. Entretanto, a leitura do artigo revela que a problemática pode não estar somente na capacidade de escuta da psicanalista, mas, também, na contradição manifesta no conflito instaurado pela resistência do paciente em não continuar com a análise. Percebemos isso, devido às reflexões da psicanalista sobre a história de vida do paciente. Para discutir esse ponto, selecionamos algumas sequências da análise, compartilhada por Silva em formato de narrativa:



Jorge era participativo e expressava-se bem, porém, algo me chamava a atenção em meio à sua narrativa. Todas as vezes que terminava um assunto, parava por alguns segundos antes de iniciar outro e dizia: "hum, o que mais?!" Parecia uma repetição automática, um cacoete de linguagem, aparentemente sem importância, que estava ali na frase. Sua dificuldade de me encarar era notadamente marcante, e, quando o fazia, ao entrar e sair das sessões, rapidamente desviava o olhar.

Era inusitado termos duas sessões numa semana, já que ele havia se recusado a isso no contrato, mas ofereci um horário adicional como reposição a uma sessão em que me avisou a falta com antecedência. E, assim, Jorge compareceu iniciando o relato com um assunto que fugia dos padrões costumeiros.

J – Estou de ressaca (risos), ontem abusei da comida. O amigo que mora comigo fez um jantar, estava muito bom, tomamos vinho, e acabei abusando um pouco da quantidade de comida e do álcool, não costumo comer muito à noite e principalmente com vinho! (risos) Ainda estou me sentindo meio empanzinado, acho que também porque fomos dormir tarde, mas foi agradável, ficamos batendo papo, e a comida estava muito boa, meu amigo cozinha bem... há tempos que não fazia isso, porque só trabalho.

Descreveu os pormenores do acontecimento deixando transparecer um estado de viva satisfação. Em seguida, relatou sobre uma nova trilha que havia escolhido percorrer naquele final de semana, estava bem animado em conhecer o tal lugar. Detalhou os apetrechos que levaria na viagem, o tempo gasto etc. Fiquei ouvindo todo o seu relato e, quase no final do horário, lhe disse:

A – Em outras palavras, você está dizendo que às vezes é bom ser mais flexível e se divertir em boa companhia, é um caminho mais aprazível para seguir... parece que novas possibilidades estão despontando.

Ele não respondeu nada, e apontei o final do horário. Essa era nossa última sessão antes de minhas férias, como previamente combinado. E me despedi dizendo:

A – Até a volta!

Ele, ao levantar-se do divã, parou e disse:

J – Eu vou dar um tempo, como faço com o pagamento, pago até hoje ou o mês inteiro?

Fiquei atônita com aquela declaração, pois não havia percebido nenhum sinal e nem imaginava que ele estivesse com essa intenção. E falei:

A – Vamos deixar para conversar sobre isso no meu retorno? Pode ser?

E ele concordou.

Por sorte, esse atendimento foi feito no meu último horário do dia, pois fiquei perplexa e com uma grande interrogação, já que em nenhum momento ele manifestou tal propósito.

Passados os quinze dias de férias, ele compareceu no seu horário habitual e, ao iniciar seus relatos como rotineiramente fazia, o interrompi:

A – Jorge, na nossa última sessão, você disse que queria dar um tempo, e eu fiquei um tanto surpresa, por isso pedi que conversássemos no meu retorno. Fiquei pensando na sua decisão... você já estava com essa intenção, ou foi algo do momento?

J – Não foi minha intenção atrapalhar as suas férias (risos) ... mas eu já tinha me programado a ficar esse tempo de um ano e quatro meses.

A – Você estava contando?!... para mim estava fluindo...

J – Não, não estava contando, foi agora que fiz a conta (risos)... é que eu quero comprar um apartamento, quero morar sozinho, prefiro, e vou destinar o valor das sessões para complementar... Mas não foi nada do momento e nada com você, estou gostando muito de vir aqui e pretendo voltar, vou dar um tempo...

Em seguida ele começou a falar das ocorrências do dia etc. Fiquei ouvindo sem mais interceder, até quando ele disse:

J – Sabe, penso muito para namorar... porque quando minha namorada vai em casa fica querendo arrumar o meu quarto, e eu não quero. Sei que ela está de boa vontade querendo ajudar mudando as coisas de lugar, mas eu não quero que mude nada, porque está do meu jeito, e é assim que quero que fique!... precisei até ser meio... do tipo, falar sério com ela!

A – Como talvez sinta que estar aqui gere mudanças em você...

J – Não, não acho que você queira me mudar, até porque, se eu tivesse sentido isso, não teria ficado esse tempo todo. O que quero dizer é o tempo de namoro, quando se está junto há um tempo, a intimidade faz com que isso aconteça.

A – Estou me lembrando das trilhas que faz sempre sozinho, e para quem gosta de trilhas solitárias talvez a situação de análise seja sentida como gente demais por perto... a intimidade que vai se desenvolvendo, e esse tempo aqui juntos foi o suficiente para você... Isso te remete a algo?

J – Lembrei do meu pai, como te falei, o meu tempo ao lado dele é cronometrado, inclusive fui estudar longe de minha cidade para sair de casa, do convívio que não é fácil, temos opiniões diferentes, e sempre sai discussão, porque ele acha que a dele é que tem de prevalecer. Meu irmão também fez a mesma coisa, só não sei se foi proposital, como no meu caso.

Interpretei que parecia viver a análise como uma situação invasiva, talvez mesmo abusiva, equivalente às suas outras relações, demonstrado, por exemplo, na decisão de morar sozinho, que no caso seria para se isolar. Entendia, porém, que naquele momento era necessário para ele interromper, já que aquele era o tempo dele, e eu respeitava *deixando o quarto do seu jeito*. E assim Jorge encerrou sua análise... (Silva, 2016:148-150).

No final da análise, Silva conseguiu entender um possível porquê da decisão de Jorge. O problema não era, simplesmente, a psicanalista, como ela pensava, mas o processo de resistência do paciente. Jorge parecia não saber, mas, inconscientemente, já poderia não estar querendo a "intromissão" da psicanalista. O interessante é que na sequência da análise, Silva nos apresenta mais da história de Jorge que revela uma possível causa dessa resistência, isto é, a contradição histórica no relacionamento pai e filho: quem manda e quem obedece.

Socialmente, Jorge vivenciou com o pai uma relação de poder em que se sentia em desvantagem, pois se via na situação de ter de aceitar suas opiniões. As escolhas lexicais de seu discurso - "**Lembrei do meu pai, como te falei, [...] fui estudar longe de minha cidade para sair de**

**casa, do convívio que não é fácil**, temos opiniões diferentes, e sempre sai discussão, **porque ele acha que a dele é que tem de prevalecer**. Meu irmão também fez a mesma coisa, só não sei se foi **proposital, como no meu caso**” - revela que ele já iniciara o processo social de desalienação, por não querer mais reproduzir as estruturas, por exemplo, do patriarcado (Marx, [1844] 2004). O ato de sair de casa é um ato de resistência (Foucault, 1988), no qual Jorge passa a regular a própria participação social. Longe do pai, Jorge parece ter superado a contradição do *quem manda e quem obedece*. Entretanto, como sujeito clivado, essa contradição permanece inscrita em suas diferentes redes de relações de poder e nas diferentes formas de resistência que o constituíram (Medina, 2011).

Nessa direção, vivenciando um relacionamento conturbado e, aparentemente, traumático com o pai, Jorge parece se violentar com a auto-cobrança de ser forte e independente, e, talvez por esse motivo, buscava “resolver a vida sem depender de ninguém, procurando ser o único habitante de uma ilha” (Silva, 2016:151). Esse fato parece traduzir-se na resistência quanto à aproximação em relação às pessoas. Podemos compreender essa resistência ligada ao “id” que leva à repetição de uma situação dolorosa (Roudinesco e Plon, 1998), possivelmente, causada pela relação traumática com o pai.

Assim, quando Jorge resiste à aproximação de pessoas ou da terapeuta, pode ter trazido à tona, inconscientemente, o relacionamento com o pai. No caso, a analista pode ter sido considerada uma invasora da intimidade de Jorge, reforçando a resistência quanto à aproximação. No momento da última conversa, a analista percebeu essa resistência (Silva, 2016:151):

E, por mais que eu tivesse dito para que ficasse à vontade com sua decisão, isso não impediu que ele me transformasse numa pessoa severa e intransigente como seu objeto interno. Dessa forma, era compreensível que ele não pudesse me olhar de frente, pois seria impossível sentir-se à vontade diante dessa figura em que ele me transformou. A imagem do pai opressor, que queria mudar o seu modo de vida, também apareceu projetada na namorada/analista que queria arrumar/modificar o seu quarto/sua vida.

Podemos concluir que a resistência pode ser um dos principais fatores para abandono ou rompimento do analisando com a terapia. Para dar fim a essa resistência, um dos possíveis desafios que Jorge precisaria superar é o da contradição manifestada no relacionamento com o pai e, em seguida, projetada em outros relacionamentos. Ao considerarmos a *práxis* humana (Marx, [1867] 1983) como lugar de constituição colaborativa do ser, seria ideal que Jorge e o pai estivessem

intencionalmente abertos para transformação do relacionamento pai e filho. Essa possibilidade talvez acontecesse se ambos estivessem conscientes da contradição e voltados à transformação das relações entre ambos. No processo psicanalítico, a percepção dessa problemática poderia ocorrer pela abertura de transferência do paciente em direção ao analista, que estaria em escuta analítica para possibilitar ao pacientes caminhos de escutas de si e, conseqüente, descoberta do conteúdo recalçado, “esquecido” (Medina, 2011) no inconsciente. Nesse percurso, seria possível para Jorge tornar-se apto a tomar posse das próprias emoções em outros relacionamentos. No momento de rompimento da terapia, a história com o pai, talvez, o tenha guiado.

#### **4. Considerações finais**

Este artigo objetivou discutir algumas das possíveis causas que levam um sujeito a abandonar um processo psicanalítico. Teoricamente foram abordados os conceitos de resistência, escuta analítica e contradição. A resistência e a contradição são conceitos centrais e operam como obstáculos no processo de enfrentamento do sujeito, aliados, muitas vezes, à falha na escuta analítica do psicanalista.

Podemos perceber, portanto, a importância da formação do psicanalista e da sua consciência do próprio desenvolvimento do processo de escuta em consultório, que propiciará condições para processos de transferência em análise e a possibilidade do enfrentamento pelo analisando das resistências e o reconhecimento das contradições para que haja uma escuta de si mesmo e uma compreensão dos conteúdos do inconsciente.

Em conclusão, assinalamos que, na psicanálise, a resistência é fruto das experiências traumáticas que ultrapassam a capacidade do sujeito em lidar com elas. Assim, a resistência psíquica, enfrentada na análise, tem origem na história desse sujeito. Portanto, no âmbito sócio-histórico, contradições vividas nas relações sociais fazem parte também da estruturação psíquica do sujeito, refletindo, assim, na resistência ao processo psicanalítico.

#### **Referências bibliográficas**

BOTTOMORE, T. (Ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

VILA GRANADO, Selma Regina Pato; CARRIJO, Viviane Letícia Silva. Resistências, contradição e escuta analítica no abandono do processo terapêutico. *Revista Intercâmbio*, v.XLVI: 103-116, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: a vontade saber*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 12. Rio de Janeiro: Imago. [1913] 1996.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, [1914] 1996.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, [1920] 1976.

\_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, [1937] 1980.

GADOTTI, M. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GIL, J. *A imagem nua e as pequenas percepções*. Lisboa: Relógio D'água, 2005.

MACEDO, M. M. K.; FALCÃO, C. N. B. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65-76, jun. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MARX, K. (1844). *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. São Paulo: Boitempo, [1844] 2004.

MARX, K. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1867] 1983.

MEDINA, J. Toward a foucaultian epistemology of resistance: counter-memory, epistemic friction, and guerrilla pluralism. *Foucault Studies*, nº. 12, 2011, p. 9-35.

OLIVEIRA, W. *A colaboração crítica no desenvolvimento de uma atividade de formação de professores a distância*. 2009. Tese (Doutorado em

VILA GRANADO, Selma Regina Pato; CARRIJO, Viviane Letícia Silva. Resistências, contradição e escuta analítica no abandono do processo terapêutico. *Revista Intercâmbio*, v.XLVI: 103-116, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, M. C. C. Formando uma escuta analítica. *Jornal de psicanálise*, 49 (91), 2016, p. 145-155. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352016000200013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200013)>. Acesso em: 13 set. 2020.

VAUGHAN, S.; ROOSE, S. The analytic process: clinical and research definitions. *Int. J. Psychoanal.*, 76, 1995.